

AS PRÁTICAS CORPORAIS EA EDUCAÇÃO DO CORPO INDÍGENA: A CONTRIBUIÇÃO DO ESPORTE NOS JOGOS DOS POVOS INDÍGENAS

Arthur José Medeiros de Almeida

RESUMO

No presente estudo procurou-se analisar a relação entre o esporte e a educação do corpo indígena no contexto dos Jogos dos Povos Indígenas. O objetivo foi o de entender o significado desse evento em relação ao sentido de educação do corpo indígena. Para tanto, realizou-se uma investigação com base nos pressupostos metodológicos das Ciências Sociais. Nesse ínterim a interpretação mostra que o evento adquire conotação de espetáculo e que práticas corporais tradicionais assumem características do esporte de alto rendimento, podendo contribuir para o surgimento de outro habitus e modificar a relação dos indígenas com o uso de seu corpo.

Palavras-chave: Práticas Corporais. Educação. Indígena. Jogos.

RESUMEN

El trabajo presenta un análisis sobre la relación del deporte con la educación del cuerpo indígena en los Juegos de los Pueblos Indígenas. El objetivo fue de comprender el sentido del evento en relación a la educación del cuerpo indígena. La investigación tubo por base los presupuestos metodológicos de las ciencias sociales. La interpretación muestra que el evento tiene una connotación de espectáculo y que las prácticas corporales tradicionales son cambiadas, produciendo otro habitus y modificando la relación de los indígenas con sus cuerpos.

Palabras claves: Prácticas Corporales. Educación. Indígenas. Juegos.

ABSTRACT

This paper analyzes the relation between sports and the education of the Indian body in the context of the Indian games. The aim of the paper was to understand the meaning of this event in relation to the sense of education of the Indian body. For that matter, it was done an investigation based in the tenet methodological of the Social Science. In this case, the analysis show that the game turns out to be a show and the traditional body practice, a sport performance that can also contribute to the outbreak of another habitus and change the relation between the Indians and the use of their bodies.

Key words: Body Practice. Education. Indians. Games.

Introdução

A fim de apresentar uma análise sobre a relação esporte e a educação do corpo indígena tem-se a compreensão que o objeto de estudo – práticas corporais no contexto da IX Edição dos Jogos dos Povos Indígenas – perpassa por diferentes campos disciplinares. Entre os campos destacam-se a Antropologia, a Sociologia e a Educação Física. É relevante observar que esses campos “compartilham determinados objetos de

estudo, ainda que não necessariamente com os mesmos interesses e enfoques” (Magnani, 2001, p. 17). As primeiras oferecem métodos e técnicas de pesquisa, além de categorias e modelos explicativos, com base em conceitos, como o de cultura e dinâmica social, enquanto a última tende a problematizar recortes, principalmente como campo de investigação, tendendo para o predomínio de um viés biológico/fisiológico. Nesse contexto, o corpo vem sendo o objeto mais estudado de modo interdisciplinar e se constitui elemento central da área da Educação Física, por ser seu objeto de estudo e intervenção e nas Ciências Sociais, por ser considerado um campo tradicional de investigação.

Pensar o “homem total” traz o entendimento de que as semelhanças ou diferenças físicas são frutos de um conjunto de significados que cada sociedade inscreve em seu corpo, ao longo do tempo, “por ser ele o meio de contato primário do indivíduo com o ambiente que o cerca” (Daólio, 1995, p. 39). Na medida em que as diferentes sociedades se expressam por meio dos corpos de seus membros, esses são vistos como uma construção cultural, pois onde se manifestam as regras das relações humanas, pode-se reconhecer uma cultura. A cultura ordena o meio a partir de regras; no caso do corpo, seu controle torna-se basilar para o desenvolvimento de padrões culturais específicos. Os indivíduos, desde o nascimento, apreendem valores, normas e costumes sociais por meio dos seus corpos, ou seja, um conteúdo cultural é incorporado ao seu conjunto de expressões.

Com o intuito de contribuir com a discussão em tela, pretende-se analisar as práticas corporais – jogos e brincadeiras –, como elementos da cultura corporal de movimento de cada etnia indígena, cruzando-as com elementos que caracterizam o esporte em sua dimensão de alto rendimento, procurando-se observar a influência de tais práticas para a educação do corpo indígena.

Para tanto, realizou-se uma investigação, com base nos pressupostos metodológicos das Ciências Sociais, por meio de estratégias de pesquisa definidas por fases distintas. Essa perspectiva propicia que a análise das práticas corporais seja dimensionada no contexto de uma teia de significados, o que pode lograr a ampliação da margem de reflexão e interpretação. Nesse ínterim, as pessoas participantes deste evento são sujeitos sociais que estão imersos em uma dinâmica cultural da qual faz parte um conjunto de representações. As ações dos indivíduos devem ser analisadas em relação a essas representações e não fora desse contexto, de forma isolada. Essas práticas, por serem expressões ou derivações de valores coletivos, possuem uma lógica que orienta seu funcionamento e produz comportamentos, aos quais cabe à ciência desvelar. Portanto, a primeira contribuição das Ciências Sociais ao estudo consiste em tematizar e situar as práticas corporais apresentadas nos Jogos dos Povos Indígenas, como objeto de estudo num quadro conceitual.

Foi realizada inicialmente uma consulta bibliográfica, com a finalidade de verificar o estado da arte do tema, identificando pesquisadores e pesquisas a ele pertinente. Nesse momento, que serve de pressuposto para elaboração da metodologia, foi consultado um referencial teórico que abarca, em seu conjunto, autores das Ciências Sociais que permitem um diálogo com a área da Educação Física. Essa fase consistiu em fazer um levantamento detalhado de livros, artigos e publicações que fornecessem subsídios teóricos em relação ao objeto. O momento seguinte consistiu na realização de consulta a documentos em Brasília/DF, durante o período compreendido entre abril de 2007 e maio de 2008. Nessa etapa, foram feitas consultas aos bancos de dados da Fundação Nacional do Índio (Funai), na Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e Lazer (SNDEL), na Secretaria Nacional de Esporte Educacional (SNEED) e

na Assessoria de Comunicação (Ascon), estas últimas do Ministério do Esporte e, por fim, na Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad) do Ministério da Educação.

O trabalho de campo propriamente dito ocorreu durante a IX edição dos Jogos dos Povos Indígenas, em Pernambuco, nas cidades de Recife e Olinda, no período de 23 de novembro a 1º de dezembro de 2007. Vivenciar o momento de realização do evento intercultural possibilitou fazer construções a partir do contato direto com o objeto estudado, momento em que o pesquisador inscreve o discurso social. “Ao fazê-lo, ele o transforma de acontecimento passado, que existe apenas em seu próprio momento de ocorrência, em um relato, que existe em sua inscrição e que pode ser consultado novamente” (Geertz, 1989, p. 29). Na ocasião foram utilizadas as seguintes técnicas de pesquisa: observação participante; entrevistas com roteiros pré-estruturados; coleta de registros fotográficos, de áudio e de vídeo, além de anotações em diário de campo referentes às práticas corporais, ao cotidiano dos jogos e às redes de relações estabelecidas. Os procedimentos listados foram trabalhados para responder ao seguinte problema de pesquisa: em que medida as práticas corporais nos *Jogos dos Povos Indígenas* contribui para a educação do corpo dos indígenas envolvidos no evento? Com essa questão pretendeu-se entender o significado dos Jogos dos Povos Indígenas em relação ao sentido de educação do corpo, sua apropriação e as mudanças culturais proporcionadas.

O corpo nas diferentes culturas indígenas: uma breve introdução da dinâmica cultural

Atores protagonistas dos Jogos dos Povos Indígenas, os índios brasileiros ainda hoje são vistos, de modo geral, como pertencentes a uma única cultura, resultando, portanto, numa visão uniforme sobre esses povos. Essa visão uniformizadora se ancora na existência da “cultura indígena”. No entanto no território brasileiro existem atualmente 225 etnias indígenas, segundo o Instituto Socioambiental (ISA), apresentando uma grande diversidade cultural (ISA, 2006, p. 7). Compreende-se que cada uma dessas culturas possui uma lógica que rege seu funcionamento e encontra coerência dentro do próprio sistema cultural. Contudo esta lógica consiste em uma forma de classificação distinta da ciência moderna; enfim, proporciona uma determinada concepção de mundo aos indivíduos. “Cada cultura ordenou a seu modo o mundo que circunscreve e que esta ordenação dá um sentido cultural à aparente confusão das coisas naturais” (Laraia, 2002, p. 92).

A vida na humanidade não se desenvolveu de forma unívoca, mas sim por meios bastante diversificados de sociedades e civilizações, gerando uma diversidade intelectual, estética, sociológica e de práticas e técnicas corporais que não têm relação direta com o plano biológico. “Existem muito mais culturas humanas do que raças humanas [...]; duas culturas elaboradas por homens pertencentes a uma mesma raça podem diferir tanto ou mais que duas culturas provenientes de grupos racialmente afastados” (Lévi-Strauss, 1976, p. 54). Portanto, deve-se compreender que se trata de culturas de diferentes povos indígenas, elaboradas em contextos diferenciados, de acordo com sua localização no território brasileiro, e seu grau de contato com outras culturas em determinados momentos históricos, conforme reforça o autor a seguir:

A originalidade de cada uma delas reside antes na maneira particular como resolvem os seus problemas e perspectivam valores

que são aproximadamente os mesmos para os homens, porque todos os homens sem exceção possuem linguagem, técnicas, arte, conhecimentos de tipo científico, crenças religiosas, organização social, econômica e política. Ora, esta dosagem não é nunca exatamente a mesma em cada cultura (Lévi-Strauss, 1976, p. 75).

Com efeito, cada povo, cada etnia indígena tem uma cultura própria, com organização social e econômica e práticas corporais particulares. As práticas corporais das sociedades tradicionais colaboram para que valores, costumes, normas sociais e comportamentos desejados sejam assimilados por meio dos corpos dos indivíduos, tendo como base suas tradições.

Em sua obra *A fabricação do corpo na sociedade xinguanã*, Viveiros de Castro (1987) assinala que em determinadas sociedades – como as que vivem em aldeias do Alto Xingu – o corpo humano é “fabricado” a partir de processos intencionais e periódicos. Essas mudanças produzidas no corpo proporcionam outras de posição social e, por conseguinte, de identidade social. A “fabricação do corpo” é intervenção consciente da cultura sobre o corpo humano, construindo a pessoa, modificando sua essência e se manifestando desde a gestualidade, até alterações da forma desse corpo. As modificações corporais são realizadas entre os xinguanos por meio de rituais que a encenação da criação do humano faz referência à morte e à vida. Concebendo os homens como uma produção cultural, sua fabricação presume uma reclusão, porquanto é durante a reclusão que há uma mudança significativa no corpo e onde os papéis sociais são assumidos. Entre os Xinguanos “a personificação do homem ideal depende de uma adesão correta às regras ditadas pela tecnologia do corpo na reclusão” (Viveiros de Castro, 1987, p. 35). Todavia nota-se o corpo desempenhando um papel central na construção da identidade da pessoa xinguanã.

Entre os Bororo do Mato Grosso, fato semelhante ocorre. Nos rituais, as danças são utilizadas como um instrumento de educação do corpo, em que os jovens ao “fabricarem seus corpos” constituem uma identidade específica. A dança representa uma “prática educativa significativa para a transmissão de valores, de técnicas corporais e dos sentidos e significados que compõem os patrimônios clânicos e as relações entre os clãs na cosmologia Bororo” (Grando, 2005, p. 173). A dança acompanha os adornos e pinturas corporais que expressam uma simbologia. Durante a dança, são expressas as histórias e as relações sociais que constituem o grupo e, ao dançar, as pessoas assumem seu lugar na sociedade.

O corpo humano nas sociedades indígenas brasileiras exerce papel central sendo “fabricado” para se tornar coletivo. A corporalidade é uma dimensão fundamental para o processo de ensino e aprendizado de conhecimentos, habilidades e técnicas da pessoa indígena.

Fica evidente, portanto, que o conjunto de posturas e movimentos corporais representa valores e princípios culturais. Conseqüentemente, atuar no corpo implica atuar sobre a sociedade na qual esse corpo está inserido. Todas as práticas institucionais que envolvem o corpo humano [...], sejam elas educativas, recreativas, reabilitadoras ou expressivas, devem ser pensadas nesse contexto, a fim de que não se conceba sua realização de forma reducionista, mas se considere o homem como sujeito da vida social (Daólio, 1995, p. 42).

Nas sociedades indígenas, a transmissão de técnicas corporais é necessária para assumir da melhor maneira os papéis sociais conquistados; portanto, “reconhece-se a capacidade de a criança aprender a partir dos jogos e brincadeiras” (Grando, 2006, p. 231). Nesse momento, a criança está se apropriando de sua cultura, construindo sua identificação com seus pares e tornando-se únicas nesse contexto. As práticas corporais tradicionais e os rituais ocorridos nas aldeias cumprem a função de ensino e aprendizado da maneira de fazer, pensar e sentir que são específicas por gênero e idade em cada etnia.

As práticas corporais estão relacionadas à cosmologia que orienta seu *modus vivendi* e sua visão de mundo. Sendo compartilhadas nas aldeias essas práticas educam e apresentam relação direta entre a infância e a vida adulta. As brincadeiras são formas lúdicas de apreensão da realidade que formam uma identidade fundamentada nos sentidos e significados específicos de cada cultura. As práticas corporais estão envolvidas na totalidade das culturas indígenas; portanto, não se trata de uma área específica dentro dessas culturas, porque possuem um símbolo próprio em suas tradições. A educação, por meio dos jogos e brincadeiras tradicionais, se baseia em superar as dificuldades impostas pelo meio ambiente e no desenvolvimento de valores cooperativos e de evolução social.

As diferentes culturas dos povos indígenas apresentam um dinamismo; elas não estão estáticas como muitos ainda hoje as consideram. As mudanças culturais ocorrem em todas as culturas, mesmo naquelas que possuem menor grau de contato com outras, quer dizer, as mudanças podem decorrer de fontes endógenas ou exógenas à sociedade. Os homens, elaboradores de cultura, questionam e refletem sobre seu modo de vida e seus comportamentos, sendo capazes de alterá-los. Esta seria uma forma consciente de mudança cultural. Por outro lado, o contato com outros povos produz trocas simbólicas que podem promover mudanças mais ou menos bruscas e que por vezes pode-se não ter a clara consciência de tais alterações na sociedade.

Todavia, como observa Laraia, “cada mudança, por menor que seja, representa o desenlace de numerosos conflitos” (2002, p. 99). Nesse sentido, sociedades que produziam mudanças culturais em longos períodos de tempo estão sujeitas a apresentarem conflitos devido às rápidas mudanças decorrentes do contato com uma sociedade envolvente, cujo principal traço característico é a globalização.

As práticas corporais nos Jogos dos Povos Indígenas

Os Jogos dos Povos Indígenas são considerados um dos maiores encontros esportivos e culturais das Américas, na medida em que visa a promover o desenvolvimento do patrimônio cultural destes povos, por meio do esporte e das práticas corporais tradicionais. Esse evento foi idealizado por dois irmãos da etnia Terena, com o propósito de os povos indígenas trocarem informações a respeito de suas práticas culturais, econômicas e sociais. De acordo com os documentos oficiais que orientam os Jogos, tem-se como objetivo promover a cidadania indígena, a integração e o intercâmbio de valores tradicionais, com vistas a incentivar e valorizar as manifestações culturais próprias desses povos.

Conforme dados obtidos por meio de observações e relatos orais, destacam-se em torno desse evento questões políticas e sociais – como o Fórum Social Indígena; questões econômicas – como a Feira de Artesanato e questões culturais – como as

Demonstrações e as Competições que abarcam as práticas corporais. O esporte aparece, neste âmbito, como um instrumento que tem como pressuposto a interação entre distintas etnias; entretanto, outras manifestações culturais se fazem presentes nesse evento, como os jogos e brincadeiras tradicionais, os ritos, as danças, as pinturas e os adornos corporais.

Nos Jogos dos Povos Indígenas foi apresentado um conjunto de práticas culturais de diversas etnias participantes, que demonstraram como cada um desses povos supera as situações conflitantes de seu cotidiano, e pelas quais construíram sua cultura corporal de movimento. No entanto as práticas corporais foram sistematizadas por um processo de construção técnica. O congresso técnico – estudado em edições anteriores por Vinha e Rocha Ferreira (2005) – tem como objetivo promover uma discussão e tomar decisões sobre as “modalidades esportivas” a serem praticadas. As autoras chegaram à conclusão que o intuito é o de definir e retificar os *regulamentos* finais dos jogos, além de estabelecer *normas comuns*, considerando as diferentes organizações indígenas.

A partir da identificação do propósito de regulamentar as práticas corporais com a finalidade de competição, pode-se considerar que tal procedimento equivale ao mesmo processo descrito por Bracht (2003) que ocorreu na Europa com as regulações dos jogos populares e culminou em um processo de esportivização de tais práticas, respeitando-se, porém, suas diferenças sociohistóricas. Durante a realização do congresso técnico, apesar de ter havido comentários pertinentes à estruturação do evento e das práticas corporais, percebeu-se que não houve modificações significativas no documento que orienta as “modalidades”. Essa atividade serviu apenas como uma apresentação da estrutura regulamentada das práticas corporais que seriam realizadas de maneira competitiva, de acordo com edições anteriores.

Todavia outras práticas em que não há condições de normatização, por serem restritas a determinados grupos, desenvolveram-se sob forma de demonstração, isto é, neste caso o que foi proporcionado ao público presente foi a apresentação em forma de espetáculo de determinadas práticas corporais dos povos indígenas – vistas e muitas vezes interpretadas como o inusitado e exótico no contato intercultural –. Deve-se pontuar, contudo, que a espetacularização de determinadas práticas culturais pode ter uma dupla significação. Pode, por um lado, engendrar formas de aproximação e apropriação da cultura indígena por parte dos presentes, e, pode, por outro, contribuir para promover o deslocamento do sentido de determinada prática da cultura corporal de movimento desses povos, tornando-se – assim como ocorre com o futebol – uma prática corporal secularizada.

O Futebol é o único esporte praticado nos Jogos dos Povos Indígenas agregando um grande número de indígenas em sua realização. Tendo em vista que a cada jogo uma etnia é eliminada da competição, foi observado um acirramento da disputa em busca da vitória, gerando jogadas bruscas e conflitos. De acordo com Kunz (2006, p. 22), um dos princípios básicos do esporte de alto rendimento é “sobrepunção”, isto é, uma busca constante pela superação, seja de uma marca, seja de um adversário e que se expressa na vitória. As normas do torneio de futebol e das outras práticas corporais apresentadas de forma competitiva nos Jogos dos Povos Indígenas são reflexos de uma organização burocrática característica da sociedade moderna. A *organização burocrática*, segundo Guttmann (2004) é uma exigência do esporte moderno com a perspectiva de que seja realizado dentro de um sistema de organização, com hierarquia e funções.

À medida que se passavam os jogos notava-se que os comportamentos eram similares, sem fugir das especificidades de cada cultura, ou seja, o elemento cultural da

sociedade nacional – o futebol – foi apropriado pelas diferentes sociedades indígenas e adaptado à diversidade cultural das sociedades tradicionais. Por outro lado, algumas condutas desenvolvidas na sociedade envolvente são reproduzidas no contexto desses jogos. Nesse sentido, o futebol é um elemento intercultural que, praticado de acordo com a estrutura do esporte de alto rendimento, contribui para que determinados valores, atitudes e comportamentos sejam assimilados por pessoas indígenas de diferentes etnias. Desta maneira, ao passo que a competição ocorria, percebia-se o caráter de espetáculo assumido pelo evento e a influência por ele exercida sobre a configuração das práticas corporais indígenas, que ultrapassava o futebol atingindo outros elementos constituintes da cultura corporal de movimento daqueles povos (cf. notas de diário de campo).

Os jogos e brincadeiras tradicionais demonstram as preferências de cada sociedade, prolongam seus hábitos e refletem suas crenças. As lutas corporais, a corrida, os jogos tradicionais presumem uma explicação mitológica para sua realização; são meios de interação entre o mundo dos espíritos e o mundo real, responsáveis por constituir a pessoa indígena. As escolhas por determinadas práticas corporais demonstram o modo de pensar de um grupo, o que acaba por educá-lo, definindo suas características morais e intelectuais e reafirmando seu *habitus*. Propõem que determinados comportamentos sejam seguidos evitando reações adversas e contribuindo para a continuidade de uma dada ordem social. Portanto, as influências dos princípios e das categorias do jogo se manifestam fora desse espaço delimitado por um tempo próprio, penetra na vida ordinária das sociedades, colaborando para definir o estilo de diferentes culturas (Caillois, 1994).

As práticas corporais tradicionais passíveis de *regulamentação* foram realizadas de maneira competitiva. Por meio dela é garantida a participação de todos os inscritos, sob normas unificadas, com o intuito de se obter a *quantificação dos resultados*. Guttmann (2004) afirma que a *quantificação*, aqui entendida como mensuração do desempenho atlético no esporte moderno, é coerente com o modo de vida da sociedade moderna, sendo numa compreensão sociológica demarcada pela sociologia weberiana, o modo de racionalizar da sociedade ocidental moderna. Caracteriza-se por transformar as atividades esportivas em algo que possa ser quantificado e medido, em número de pontos, marcas ou gols, medidas de tempo e distância ou notas.

Neste âmbito pode-se destacar a utilização do arco e flecha como instrumentos da cultura de diversas etnias indígenas. Durante muitos anos seu uso tinha como objetivo prover alimentos, por meio da caça, e dar proteção às sociedades, sendo utilizados como armas em conflitos com outros povos. As técnicas necessárias ao seu uso, são aprendidas nessas sociedades através de jogos e brincadeiras que desenvolvem na pessoa indígena habilidades específicas desde sua infância. Na IX edição dos Jogos Indígenas, a prática que envolve o arco e a flecha foi realizada de maneira competitiva e seguiu a lógica do tiro com flecha praticado nos eventos esportivos.

No arremesso de lança a *padronização* do instrumento se fez necessária para garantir que o vencedor fosse conhecido pelo seu desempenho, isto é, “pela maior distância arremessada”. Portanto, nota-se que a lança – outro instrumento das sociedades indígenas que possui relação com a caça e a defesa da comunidade – também sofre um processo de regulamentação, assim como o arco-e-flecha, com o intuito de torná-lo uma modalidade esportiva. A padronização do instrumento, com efeito, altera a técnica corporal dos indígenas, porquanto cada instrumento determina a especificidade da técnica. As técnicas corporais são as “maneiras pelas quais os homens, de sociedade a sociedade, de forma tradicional sabem servir-se de seu corpo” (Mauss, 2003, p. 401).

Toda técnica ou atitude corporal tem sua especificidade, são apreendidas lentamente devido à educação que conduz a hábitos próprios de cada sociedade. O ensino de determinadas técnicas corporais podem revelar o modo de vida de uma sociedade, visto que são suas tradições que condicionam as atitudes individuais. No âmbito dos Jogos dos Povos Indígenas, nota-se, por meio das técnicas corporais específicas, que o arco-e-flecha e a lança têm seus sentidos originais alterados, a fim de proporcionar a *competitividade* entre os povos indígenas, fato que pode contribuir para uma mudança no comportamento desses grupos, nos seus hábitos e, particularmente, na educação de seus corpos.

As corridas entre os indígenas no Brasil são praticadas com ou sem instrumentos. Trata-se de um elemento da cultura corporal de movimento muito valorizada por esses povos (Rocha Ferreira, 2002). Sendo transmitidas dos mais velhos aos mais novos, as corridas transmitem a noção de elo entre os mundos físico e espiritual, posto que fazem parte da cosmologia das sociedades indígenas. A capacidade por elas exigida, como velocidade e resistência estão relacionadas com mitos de diversas culturas, nas quais os dons são recebidos pelas pessoas indígenas como forma de sobrevivência e adaptação ao meio ambiente.

Na IX edição dos Jogos dos Povos Indígenas as corridas foram disputadas competitivamente em três “modalidades”. Na Corrida de “Cem Metros Rasos”, a exigência é sobre a capacidade de se deslocar de um ponto a outro com velocidade, tendo o propósito de comparar o desempenho dos indivíduos. Seguindo essa lógica, torna-se profícuo observar a similaridade da “Corrida de Fundo” com a prova mais tradicional do maior espetáculo esportivo: a maratona – que possui todo um simbolismo dentro das olimpíadas e possibilita ao público manter um contato mais próximo com os competidores. Foi o que aconteceu em Recife. Assim como ocorre com a maratona nos Jogos Olímpicos, a “Corrida de Fundo” foi realizada no último dia dos Jogos, fechando as atividades competitivas. As corridas se distanciam dos sentidos atribuídos pelos povos indígenas, seja com significado de fuga, de perseguição, seja de reconhecimento do ambiente circundante, para tornar-se um espetáculo observado por um público já acostumado com essa estrutura, o que torna o evento mais facilmente aceito entre os não-índios.

Nesse sentido, vale ressaltar que o esporte de alto rendimento condiz com os interesses dominantes na sociedade capitalista, influenciando o estado atual de ofertas esportivas. A oferta, segundo Bourdieu (1990), é caracterizada pelas propriedades técnicas e relacionais de cada prática e interfere de modo determinante no *habitus* de uma coletividade. É reconhecida uma variedade de práticas esportivas totalmente diferentes e muitas vezes com sentidos opostos; porém, apesar de os esportes permitirem uma gama de usos, prevalece na atualidade o sentido dominante que lhes é atribuído. No momento atual, o sentido do esporte-espetáculo predomina. Desse modo, nota-se que as práticas corporais tradicionais, assim como o futebol, são oferecidas aos protagonistas dos Jogos dos Povos Indígenas também sob a lógica do esporte de alto rendimento.

A corrida de toras nesta edição dos Jogos dos Povos Indígenas demonstrou que a lógica do esporte de alto rendimento penetrou nas práticas corporais indígenas. Após oito edições desse evento nacional essa prática foi realizada tanto de maneira demonstrativa, quanto competitiva. Melatti (1976), em estudo realizado entre os Krahô, constatou que essa prática está sempre associada a um rito. Conforme os ritos variam-se as formas das toras, os grupos que disputam a corrida e o percurso. Estruturada de forma ímpar, a corrida de toras assume como característica essencial a competitividade,

atributo que segundo Melatti (1976) não se faz presente no cotidiano das aldeias. Portanto, verifica-se que a corrida de toras nos Jogos dos Povos Indígenas passou por um processo de alteração dos sentidos. Na medida em que há uma normatização com o intuito de propiciar a competitividade, essa prática tradicional torna-se *secularizada*, isto é, desvinculada da espiritualidade desses povos.

A fim de possibilitar a competição e a comparação do desempenho dos indígenas, a corrida de toras (bem como outras práticas corporais tradicionais) foi estruturada por meio de uma regulamentação baseada no sentido dominante do fenômeno esportivo. Ao passo que foram assim concebidas, tais práticas foram ressignificadas, evidenciando os princípios da *sobrepujança* e da *comparação objetiva* e assumindo, desse modo, a lógica do esporte de alto rendimento, tornando-se esportivizadas.

O esporte, as técnicas corporais e a educação do corpo indígena

No contexto de uma sociedade global, em que o fenômeno da globalização proporciona que bens materiais e imateriais sejam permutados, tem-se, nesse cenário, o esporte como meio de interação entre diferentes povos. O esporte de alto rendimento, elemento cultural das sociedades complexas, tornou-se uma prática corporal hegemônica de tais sociedades, tendo seu sentido inserido em outras práticas sociais de lazer, a exemplo dos jogos e as brincadeiras tradicionais. Os elementos culturais das sociedades tradicionais não são necessariamente perdidos, mas sofrem um processo de ressignificação pela incorporação de valores modernos em suas práticas.

De acordo com Guttmann (2004), o esporte moderno é marcado pela lógica da *especialização* de papéis. Com a divisão do trabalho na sociedade capitalista foi proporcionada uma especialização de profissões, no caso do esporte, o profissionalismo. A lógica da competição faz com que sejam utilizados diferentes métodos de treinamento que servem para o adestramento do corpo. Conforme o autor,

Talvez seja refletindo sobre o que o esporte tem mais específico, isto é, a manipulação regrada do corpo, sobre o fato de que o esporte, como todas as disciplinas em todas as instituições totais ou totalitárias, [...], ser uma maneira de se obter do corpo uma adesão que o espírito poderia recusar, que se conseguiria compreender melhor o uso que a maior parte dos regimes autoritários faz do esporte (Bourdieu, 1990, p. 220).

Nota-se que treinamentos fazem parte da preparação dos indígenas para a participação em eventos esportivos como os Jogos dos Povos Indígenas. Ao ser questionado se treinavam as modalidades na aldeia para participar desse evento, o indígena respondeu:

“Temos treinamento sim. Inclusive pra vir pra cá, depois que foi feita a seleção, todos os dias, três e meia, quatro horas da manhã, a gente treinava. Aquecimento, alongamento, tudo isso. Faz uma preparação de maneira geral. Aí, pratica também o futebol, corridas e natação” (Entrevista, Indígena Bororo, Recife, 2007).

Contudo verifica-se que o treinamento é uma demanda dos próprios indígenas, estando relacionado à oferta do esporte que é oportunizada a esses povos, vez que muitos deles participam de competições, sendo uma das poucas maneiras de vivenciar a prática esportiva. Todavia observa-se que tal fato já vinha ocorrendo no interior das aldeias. Com efeito, tem-se uma mudança na “fabricação” do corpo indígena, devido à assimilação de técnicas corporais esportivas através do treinamento, com o objetivo de proceder a um aumento gradual do rendimento para a participação nessas competições. Entende-se que, para que haja o aprimoramento da tática e principalmente da técnica esportiva como demonstra o indígena, é necessário que sejam realizados treinamentos específicos de cada “modalidade”.

De acordo com Kunz (2006), que analisa o treinamento especializado para crianças, as técnicas corporais são alteradas por um treinamento planejado com a perspectiva de um aumento do rendimento em competições esportivas. Essa especialização do indivíduo em determinada atividade ou função impede um desenvolvimento plural do indivíduo, principalmente se for iniciado “antes da fase pubertária”. Por conseguinte, percebe-se a possibilidade de a educação do indígena tornar seus corpos especializados com o treinamento sistematizado, sendo iniciado precocemente.

Nesse âmbito, “não se trata de transmitir apenas uma maneira de fazer. Trata-se de transmitir uma outra visão de mundo, uma outra realidade, que se estendem a todos os domínios da vida” (Grando & Hasse, 2001, p. 109). Ao assimilar esse procedimento em sua rotina diária, o indígena pode reduzir sua participação em atividades corriqueiras de suas culturas, imprescindíveis para a construção de sua identidade, por ter que dedicar grande período de tempo aos treinos e às competições. Atentando para o treinamento precoce vê-se como “um problema social muito complexo e que obedece às regras e princípios da competição e da concorrência próprias das sociedades industriais” (Kunz, 2006, p. 53). Pensando na criança indígena sendo introduzida ao “sistema esportivo de rendimento”, entende-se que ela pode incorporar valores da sociedade envolvente e apresentar mudanças em seu comportamento, porque o treinamento é responsável pela constituição de um outro *habitus*, que se sustenta numa educação *especializada* do corpo, a fim de originar um papel social distinto entre os indígenas – o “atleta”.

As técnicas esportivas correspondem à visão de mundo ocidental, fundamentada na ciência positivista e em uma organização social capitalista. São construídas e reconstruídas historicamente, com o intuito de aumentar sua eficácia em eventos esportivos. Essa noção de técnica do corpo proveniente da racionalidade moderna exigiu que outras atitudes, comportamentos e maneiras de fazer fossem abandonadas ou adaptadas ao modo de pensar e de sentir das sociedades industriais avançadas, pois a adaptação das técnicas corporais “é efetuada numa série de atos montados, e remontados no indivíduo não simplesmente por ele próprio, mas por toda a sua educação, por toda a sociedade da qual faz parte, conforme o lugar que ocupa” (Mauss, 2003, p. 408).

Considerações finais

Conforme notou-se nos Jogos dos Povos Indígenas, as práticas corporais são reconfiguradas, isto é, são retirados dessas práticas os elementos que a identificam como práticas tradicionais, restando apenas o movimento corporal ressignificado, com base nos elementos do esporte moderno. Desse modo, tais práticas assumem características

com sentido competitivo, que podem contribuir para o surgimento de outro *habitus* e modificar a relação dos indígenas com o uso de seu corpo. Portanto, as relações interculturais vivenciadas entre os povos indígenas e a sociedade envolvente, por meio do esporte e do treinamento, possibilitam que haja uma educação do corpo indígena que proporcione a adaptação do comportamento de diferentes indígenas ao estilo de vida ocidental.

Assim sendo, compreende-se que o esporte a ser oferecido aos povos indígenas no Brasil deva respeitar sua autonomia, isto é, o direito que esses povos têm de participar ativamente das decisões que dizem respeito às suas manifestações culturais. Sendo o esporte um elemento intercultural ele deve ser problematizado, posto que permite o contato de diferentes povos com valores, instituições e procedimentos distintos dos que lhes são próprios. Por conseguinte, cria-se a expectativa de garantir aos indígenas o acesso a informações, conhecimentos técnicos e científicos, explicitando as possíveis conseqüências decorrentes de sua inserção nessas comunidades para que, a partir de então, os interesses desses povos possam surgir de escolhas conscientes.

Referências Bibliográficas

BOURDIEU, P. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BRACHT, V. *Sociologia Crítica do Esporte: uma introdução*. 2. ed. Ijuí: Editora Ijuí, 2003.

CAILLOIS, R. *Los juegos y los hombres: la máscara y el vértigo*. México: Fondo de Cultura Econômica, 1994.

DAÓLIO, J. *Da cultura do corpo*. Campinas: Papyrus, 1995.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GRANDO, B & HASSE, M. “Índio brasileiro: intergração e preservação”. In: Fleuri, Reinaldo Matias (Org.). *Intercultura: estudos emergentes*. Ijuí: Unijuí, 2001.

GRANDO, B. “Corpo e cultura: a educação do corpo em relações de fronteiras étnicas e culturais e a constituição da identidade Bororo em Meruri-MT”. *Pensar a Prática*. Goiânia. v. 8, n. 2, p. 163-179, Jul./Dez. 2005.

_____. “A educação do corpo nas sociedades indígenas”. In: Rodrigues Muller, M^a Lúcia & Paixão, Lea P. (Orgs.). *Educação: diferenças e desigualdades*. Cuiabá: UFMT, 2006.

GUTTMANN, A. *From ritual to record: the nature of modern sports*. New York: Columbia University, 2004.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. *Povos indígenas no Brasil: 2001-2005*. Beto Ricardo; Fany Ricardo. São Paulo, 2006.

- KUNZ, E. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. 7. ed. Ijuí: Unijuí, 2006.
- LARAIA, R. B. *Cultura: um conceito antropológico*. 15. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- LÉVI-STRAUSS, C. *Seleção de Textos*. São Paulo: Abril, 1976. (Os Pensadores: História das grandes idéias do mundo ocidental).
- MAGNANI, J. G. C. “Antropologia e Educação Física”. In: Carvalho, Yara & Rúbio, Kátia (Orgs.). *Educação física e ciências humanas*. São Paulo: Hucitec, 2001.
- MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- MELLATI, J. C. “Corrida de toras”. *Revista de Atualidade Indígena*, Ano I, n. 1, p. 38-45, Brasília: Funai, 1976.
- ROCHA FERREIRA, M. B. “Jogos tradicionais e esportes em terras indígenas”. In: *VIII Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança*. Ponta Grossa. v. 1. p. 1-7, 2002.
- VINHA, M. & ROCHA FERREIRA, M. B. “Evento Nacional: jogos dos povos indígenas, jogos tradicionais e processo de esportivização” In: *Anais do XXIII simpósio nacional de história: história e paz*. CD Room. Londrina: Editorial Mídia, 2005.
- VIVEIRO DE CASTRO, E. “A Fabricação do corpo na sociedade xinguana”. In: Oliveira Filho, João Pacheco (Org.). *Sociedades indígenas e indigenismo no Brasil*. São Paulo: Marco Zero. UFRJ, 1987.

Endereço: SQN 303 Bloco F apto 315 Asa Norte – Brasília/Distrito Federal

E-mail: arthurjma@ig.com.br

Recurso tecnológico para apresentação: Data Show